

Brazilian english: uma antropofagia línguo-cultural

Raulino Batista FIGUEIREDO NETO¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo indicar, a partir da metáfora antropofágica oswaldiana, algumas reflexões a respeito do inglês como língua franca (ILF), e da eclosão do *Brazilian English* como resultante dos usos linguísticos operados no contexto local. Através dessa perspectiva, o artigo propõe uma discussão baseada nas noções de interculturalidade, falante intercultural (BYRAM, 1997; HOUSE, 2008) e da relação estabelecida entre a língua-cultura materna e a língua-cultura alvo. Assim, estabelecendo uma interlocução com os aspectos socioculturais no processo de comunicação do inglês, propomos uma visão dessacralizada da língua, a partir de exemplos no uso do ILF, relacionados à inglesidade produzida no Brasil. Assim, com o reconhecimento dessa produção linguístico-cultural, este trabalho empreende uma reflexão acerca de uso linguístico, contexto de produção e expressão identitária na língua alvo.

Palavras-chave: Metáfora antropofágica; Inglês como língua franca; Interculturalidade.

Abstract: This article aims to indicate, through the oswaldian anthropophagic metaphor some reflections around English as a lingua franca (ELF), as well as the arousal of Brazilian English as the resulting product of linguistic uses in a local context. Through this perspective, the article aims at discussing the notions of interculturality, intercultural speaker (BYRAM, 1997) (HOUSE, 2008) and the existing relationship between the speaker's mother tongue-culture. Therefore, establishing a dialogue with the sociocultural aspects in the communication process in the English language, we propose a desacralized vision of language through excerpts of language use in ELF, which pose as the representation of the Englishness produced in Brazil. Thus, through the acknowledgement of this linguacultural production, this text undertakes a reflection on linguistic use, production context and identity expression in the target language.

Keywords: Anthropophagic metaphor; English as a lingua franca; Interculturality.

Introdução

"*Tupi or not tupi that is the question*" com esse trocadilho, numa burlesca alusão à icônica expressão shakespeariana, Oswald Andrade (1928) inaugura o seu manifesto antropofágico. É, pois, a partir dessa metáfora deglutidora e do manifesto da poesia pau-brasil, símbolos inequívocos do modernismo brasileiro, que encontramos uma fresta, uma brecha, a partir da qual alojamos questões relativas ao processo de inserção da língua-cultura inglesa na língua-cultura brasileira. Destarte, vemos na metáfora antropófaga engendradora por

¹ Mestrando em Língua e Cultura, UFBA. Salvador-BA. Correio eletrônico: raulnetto1@yahoo.com.br.

Oswald Andrade o espaço ideal para a constituição de uma imagem representativa do inglês de aprendizes/usuários brasileiros e do processo triádico em curso que aí se aloja, a saber: a inserção, a integração e a ressignificação linguístico-cultural do inglês. Elementos que serão mais à frente examinados.

Com a constituição de um ideário não-conformista e contestador, Oswald Andrade acaba por erigir um construto sociológico que, para muito além da seara literária na qual encontra nascedouro, possibilita-nos uma aproximação com uma profusão de elementos (políticos, econômicos e sociais), entre os quais damos relevo às questões linguístico-culturais. A vinculação da metáfora oswaldiana ao *Brazilian English*, que aqui propomos, parece amalgamar-se ao fenômeno da expansão da língua inglesa, preenchendo uma espécie de lacuna conceitual, ou, como preferimos admitir, constituindo uma rica expressão-síntese para uma variante de língua inglesa que só agora, com a ampliação do uso do inglês como língua franca (doravante ILF), tem se materializado de modo mais significativo na produção de uma variante brasileira.

A constituição de uma inglesidade à brasileira, acredito, está alojada nos interstícios do ILF, o qual tem representado o meio de comunicação por excelência entre línguas-culturas dos mais variados matizes. Nesse sentido, e por intermédio da admissão do ILF como uso legítimo de língua em contextos multi/pluriculturais, torna-se condição indispensável (e desejável) a utilização de uma perspectiva intercultural irmanada à funcionalidade do ILF, conferindo-lhe, portanto, a fundamental contrapartida humanística em relação ao diverso, ao diferente. A própria natureza de permeabilidade cultural dessas relações determina o insumo de intercultura(s) como algo imanente. Assim, é possível vislumbrar no ILF uma espécie de *locus natalis* do *Brazilian English*, reverberação mais do que legítima do compósito de vozes que contribuem para a forja de uma variante local do inglês.

A reflexão aqui ensejada apropria-se de uma releitura da metáfora oswaldiana em que pesem os aspectos relacionados a dois eixos basilares para a compreensão do *Brazilian English*, a saber: o contato e o confronto linguístico-culturais (interação/insubmissão). Eixos cuja aproximação com a proposta oswaldiana de antropofagia representam uma espécie de devoração crítica do inglês. Assim, sob a

égide dessa metáfora deglutidora, e estabelecendo, ao mesmo tempo, um distanciamento do aspecto ufanista encampado por Oswald², o presente artigo tem como objetivo auxiliar na compreensão dos fenômenos contributivos e constitutivos de uma variante de língua em devir.

Nesse sentido, o alinhamento desse artigo à proposta antropófaga de Oswald Andrade inscreve-se justamente na voragem reflexiva ensejada pela ótica de contestação aos modelos culturais eurocêntricos e, mais ativamente, ao anglocentrismo materializado, sobretudo, através da língua-cultura inglesa propalada pelos Estados Unidos. Dito isto, o presente artigo busca, ainda, o estabelecimento de uma discussão pautada entre duas tensões: a força hegemônica do inglês e a força criadora das adaptações, hibridizações e diásporas linguístico-culturais intrínsecas às línguas-culturas que se põem em contato.

O inglês como língua franca: interculturalidade e nomadismos

Em seu manifesto da poesia Pau-Brasil, e em relação à língua, Oswald de Andrade (1928) pontua: "A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A constituição milionária de todos os erros". Apropriando-nos desse chiste/assertiva oswaldiano e associando-os ao ILF, vislumbramos nos usos operados na língua inglesa, uma clara possibilidade de vinculação com os processos que ocorrem na produção dessa língua franca no contexto brasileiro.

A ascensão do inglês ao posto de língua planetária tem representado, a despeito de posicionamentos fundamentalistas em torno do idioma, uma verdadeira transubstanciação do idioma em patrimônio apátrida, sendo o inglês, portanto, uma espécie de desterrado dos domínios insulares³ nos quais, ainda hoje, muitos fazem questão de situá-lo. É essa configuração de língua, dissociada de um ultranacionalismo anglófono, que auxilia na compreensão do ILF como terreno livre, zona franca para a confluência de culturas distintas, expressas a partir de um vetor comum. Dessa forma, torna-se

² O distanciamento a que me refiro diz respeito à necessidade de estabelecer uma perspectiva mais equilibrada em relação à noção de língua e identidade nacional, elementos que na tônica oswaldiana acabam ganhando contornos mais idealizadores e radicais da noção de pátria e cultura nacional.

³ A expressão que utilizo estabelece uma significação análoga ao conceito de *inner circle* cunhado por Kachru (1985).

inevitável o reconhecimento da natureza intercultural dessas relações. Posicionando-se a respeito do ILF, Hülmbauer, Böhringer e Seidlhofer (2008) assim consideram:

Em termos de frequência e escopo de uso, ela é indubitavelmente a língua predominante, atualmente, para a comunicação intercultural e, por essa razão, tem atraído recentemente uma considerável atenção de todas as áreas de investigação linguística. (HÜMBAUER, BÖHRINGER, SEIDLHOFER, 2008, p. 26)⁴.

É, pois, a partir da interculturalidade e das *Weltanschauungen*⁵ aí situadas, que se faz possível uma reflexão acerca do modo como o inglês vem sendo utilizado, isto é, das manifestações linguísticas no uso do ILF. Assim, vemos nessa modalidade da língua, não um terreno higienizado e impermeável com relação aos aspectos idiossincráticos da língua-cultura de chegada, ao contrário, admitimos que é por intermédio do movimento entre línguas-culturas em contato, que se constitui o agente comunicativo desse processo: o falante intercultural. Nesse sentido, tomamos o “natural e neológico” proposto por Oswald Andrade como aspectos sintomáticos e imanentes ao falante que transita entre mundos distintos, exatamente nos moldes do que descrevem o *sojourner* de que nos fala Byram (1997) e do *go between* de Kramsch⁶ (2004). A esse respeito House (2008) acrescenta:

A deliberada alternância de alguns falantes interculturais não deve ser tratada como a evidência de uma ‘transferência’ cultural ou ignorância em relação à segunda cultura, mas como um claro sinal da competência intercultural que eles possuem. (HOUSE, 2008, p.16).⁷

A “deliberada alternância” do falante intercultural, mencionada na citação de House (2008), nos permite a constituição de um nomadismo linguístico-cultural, ou seja, uma imagem na qual as línguas-culturas são admitidas como entidades dinâmicas e, portanto, sujeitas à movência. Além disso, essa ideia de mobilidade faculta-nos a construção de uma visão positivada desse falante, um nômade da língua que se move numa alternância errática rumo à língua alvo. A ideia de nomadismo,

4 In terms of frequency and scope of use, it is undoubtedly the currently most prevalent language for intercultural communication and for that reason has attracted a good deal of attention recently from all areas of linguistic enquiry.

5 Visões de mundo/cosmovisões

6 Expressão utilizada por Kramsch (2004) em seu artigo “*The language teacher as go between*” e que aqui estendemos ao espectro do usuário de ILF.

7 In particular intercultural speakers’ deliberate cultural alternation needs to be regarded as evincing not cultural “transfer” or ignorance of a second culture but as a clear sign of

portanto, sintetiza o papel do falante intercultural como entidade que inicia sua jornada a partir de uma memória discursiva que atravessa as fronteiras da língua-cultura materna e que vai aos poucos alojando-se e ressignificando a língua-cultura alvo. Tal experiência, análoga ao processo de *linguaging*⁸ de que nos fala Phipps (2007), é depositária de nossa própria condição de *homo loquens*, seres do discurso, que apenas podem fazer sentido em uma língua-alvo a partir da experiência em sua própria língua-cultura.

Assim, o ILF, veículo comunicativo do falante intercultural, alinha-se àquilo que afirma Seidlhofer (2011, p. 189) para quem “O que vemos no ILF são pessoas linguagizando”⁹, ou seja, permitindo-se oportunidades no processo de construção de sentidos, rumo à produção na língua-cultura almejada. Nessa mesma perspectiva, Phipps (2007 *apud* SEIDLHOFER, 2011) pontua que o processo linguageiro situado no ILF é o que possibilita a experimentação “[...] tentando fazer sentido e chegando a algum lugar a despeito de todas as dificuldades”¹⁰. E é justamente esse “terceiro lugar”, como nos indica Kramsch (1998), o espaço por excelência para os usos empregados no ILF.

Visto por esse ângulo, entendemos que se faz precíua uma compreensão desse falante nômade (a exemplo do que vimos tratando) como um falante de pleno direito, ou, nos moldes do que nos sugere House (2008) em relação à performance desse sujeito, como uma maneira de operar na língua estudada, isto é:

[...] como um terceiro modo, como um atravessamento de fronteiras, como um indício de cultura híbrida em operação – híbrida na acepção do termo latino *híbrida* – (a prole miscigenada de cães de diferentes raças). (HOUSE, 2008, p. 17) ¹¹.

É justamente esse duplo aspecto, o encontro entre línguas-culturas distintas e o eclodir de uma manifestação diaspórica (se comparada ao inglês insular), que contribui para uma compreensão amplificada do fenômeno da língua franca.

Nesse sentido, vemos no ILF a mesma perspectiva de língua natural e neológica a que se refere Oswald, uma língua que engendra

8 Preferimos preservar o termo em inglês em razão das variadas possibilidades tradutórias do termo em questão, a exemplo de lingualização e linguagização.

9 What we see in ELF is people *linguaging*.

10 [...] trying to make sense and getting somewhere against all the odds.

11 [...] as a “third way”, as a crossing of borders, as a sign of a hybrid culture in operation – hybrid in the sense of Latin ‘híbrida’ (the mongrel offspring of parents from different races).

em sua essência o espaço para a troca e para a materialização de um dizer que não carrega consigo nem o inglês embalsamado dos puristas, tampouco o germe de uma babelização da língua. Uma prova disso são as comunicações constantes entre indivíduos de línguas culturas distintas e que se entendem por intermédio do ILF a despeito de quaisquer matizes idiossincráticas. Do mesmo modo, a comunicação entre as diversas variantes regionais do inglês também depõem em favor da inteligibilidade, a qual se dá em virtude dos aspectos glocalizados¹² das variantes da língua inglesa, ou seja, apesar das particularidades de uma dada variante (a exemplo da cunhagem de neologismos, ou “neolinguesismos”), há sempre o fio condutor do aspecto global¹³ e a consequente negociação do significado.

Destarte, longe de pautarmo-nos numa perspectiva de *anything goes*¹⁴ em relação à língua inglesa, o que advogamos é a instituição de uma compreensão em torno do fenômeno do ILF e da criatividade linguística como o resultado natural das entidades culturais em contato. Tal criatividade pode ser percebida na profusão de usos linguísticos empregados ao largo das interações e nas quais precipitam-se, sobretudo, questões de ordem pragmática. Nesse sentido, entendemos as aludidas dissensões pragmáticas como sendo decorrentes do contexto sociocultural em que são empreendidos os usos na língua inglesa. Veremos na próxima seção alguns exemplos dessas dissensões no uso da língua.

***Brazilian English: uma inglesidade caraíba*¹⁵?**

Diante da irrefutável presença do inglês sob a forma de ILF no Brasil, é fundamental levarmos em consideração a agentividade¹⁶ dos usuários dessa língua, os quais, apropriando-se do manancial híbrido das línguas-culturas postas em relação, acabam estabelecendo o que

12 O termo *glocalizado* foi originalmente cunhado pelo sociólogo Roland Robertson (1995) e relaciona-se ao cruzamento das palavras *globalização* e *localização*. A lógica instituída pelo referido autor assevera que o global está no local assim como o local está globalizado. Por esse prisma a glocalização assume os contornos de uma globalização com limites, isto é, ela se adapta às realidades locais.

13 O aspecto global ao qual fazemos referência diz respeito aos “universais” da língua, uma espécie de tronco sistêmico-estruturante que, acreditamos, nos permite reconhecer as variantes do inglês como inglês de fato.

14 Vale-tudo.

15 Termo utilizado por Oswald Andrade para referir-se às populações nativas do Brasil e que aqui utilizamos, como licença poética, a fim de ilustrar o inglês advindo de falantes brasileiros.

16 O termo em questão origina-se do conceito de agência de AHEARN (2001) e diz respeito à língua como ação social e a consequente atividade do indivíduo, estimulada pelas suas intenções e desejos.

entendemos tratar-se de uma estratégia recursiva. Tal estratégia situa-se, numa espécie de eixo triádico, o qual é representado pelos aspectos que seguem:

- (i) aproximação (preferência pelo uso de palavras cognatas e a consequente supressão de usos mais idiomáticos, a exemplo dos verbos frasais);
- (ii) verbosidade (maior prolixidade em relação ao uso de atos verbais, normalmente realizados com maior objetividade no inglês padrão);
- (iii) tradução (variando das frases idiomáticas, léxico idiomático e colocações lexicais até aspectos estruturantes da língua).

Essa constatação advém, sobretudo, das observações nas aulas de laboratório de língua inglesa de alunos¹⁷ do curso Letras/Inglês da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XIV – os quais têm constituído o banco de dados linguístico a partir do qual tornou-se possível compor análises a respeito dos usos da língua inglesa por falantes nativos do português brasileiro. A título de ilustração dos aspectos mencionados, vamos aos excertos:

P – Ok XXX (.) now (...) taking into account the topic we've (.) we've seen can you tell me (.) tell us (.) about your impressions?¹⁸

A – Well (...) I (.) I don't agree with (...) with that part. (.) I don't tolerate, for example (...) to discuss RELATION (.) I PREFER to wait until (...) until my girlfriend is more (...) tranquil (.) and (.) gives up of the (...) CHATICE¹⁹.

No excerto acima percebemos dois dos três aspectos concernentes à recursividade dos aprendizes/usuários de inglês a que fizemos referência no princípio desta seção. Já no início da fala/enunciação do aluno, percebemos o uso do verbo *tolerate* como expressão substitutiva

17 Apesar de estarmos nos utilizando de professores pré-serviço, como exemplos de falantes interculturais, e de admitirmos o seu processo de inserção gradual na esfera do inglês padrão, os exemplos aqui utilizados são representativos do que observamos no falante médio de inglês no Brasil.

18 Modelo de transcrição adaptado de MENDES, Edleise. *Abordagem comunicativa intercultural*: uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. 316 fls. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP, São Paulo, 2004.

19 Compreendo o uso e ênfase do vocábulo em questão como sendo decorrentes de uma necessidade de marcação e solidariedade identitárias, haja vista a vinculação desse uso com as conotações culturais do contexto em que a língua inglesa é experienciada, isto é, uma sala de aula de falantes brasileiros de inglês. Tal compreensão advém do fato de o enunciador conhecer vocábulos em inglês para a palavra de que se utiliza.

de frases idiomáticas²⁰ consagradas pelo uso *standard* a exemplo de *can't stand* ou *put up with*, o que não invalida a correção e o sentido da expressão enunciada pelo aluno, mas aponta para uma espécie de tática aproximativa. Utilizar-se desse recurso parece permitir uma diminuição tanto dos possíveis "erros" na comunicação, quanto da formação de hiatos comunicativos (lacunas na conversação), haja vista a vinculação imediata do verbo *tolerar* com o seu correspondente *tolerate*, vocábulo ativo que, a um só tempo, o traduz e mimetiza.

A análise que fazemos em relação ao aspecto aproximativo, estabelecido pelo uso do cognato *tolerate*, encontra ainda maior ressonância na utilização da palavra que lhe sucede: *relation*. Em relação a este cognato, observamos uma primeira dissonância na adoção da tática aproximativa. Apesar de se apropriar da transparência presente na palavra *relation* (tomando-a como designativa de *relação* amorosa), o aluno depõe o vocábulo consagrado pelo uso padrão, *relationship*, trazendo à tona a primeira diáspora da língua, presente em sua enunciação.

Na expressão *gives up of* (linha 5), vê-se claramente a reelaboração da colocação lexical padrão (*give up on*) a partir da transmutação de *on* em *of*, o que acaba trazendo à tona uma tradução que, muito além de representar uma mera transferência interlinguística, acaba por delinear um processo de recursividade muito mais calcado numa questão de demarcação do *self* e de expressão identitária do que no reducionismo cognivista de uma perspectiva de interlíngua. Assim, entendemos que tal produção figura como um movimento rumo à comunicação intercultural, onde ego e alter linguísticos são acionados, estabelecendo, para além de um construto filosófico de respeito às diferenças culturais, a inclusão do mesmo e do diferente sob a forma de língua(gem) em ação ou, como nos diria Phipps (2007), de *languageing*.

Uma vez mais reportando-nos à House (2008), admitimos que essa alternância não pode ser encarada como uma mera transferência cultural, tampouco como uma ingenuidade em torno da língua-cultura alvo, mas como um indício flagrante de competência intercultural.

"Excuse-me sir (...) good morning (.) could you please take me to the convention center?". Com essa enunciação, numa atividade oral ocorrida em sala de aula, é possível notar o aspecto da verbosidade

20 O que não implica em que o usuário empregue, eventualmente, frases verbais de maior recorrência e que figuram como vocabulário ativo.

do usuário, o qual acaba lançando mão de uma excessiva polidez para os padrões de anglo-falantes, nos quais a objetividade da expressão “convention center, please” seria mais do que suficiente para a comunicação na língua inglesa. Nesse sentido, a enunciação circunlocutiva a que fazemos referência (tratada em termos teóricos como inadequação sociopragmática) parece ser reveladora de mais uma fugacidade do ILF. Assim, o cerne do que vimos tratando se apresenta imbricado à seguinte questão: inadequado para quem?

Assim, diante das diásporas presentes no inglês dos usuários não nativos rumamos para uma perspectiva de uso que encontra em Seidlhofer (2011) uma importante consideração em torno do ILF:

A estratégia dos usuários do ILF é a de explorar os recursos inerentes à língua virtual²¹ enfocando nas características do máximo valor funcional e descartando o que é excedente para a sua necessidade de comunicação. Tenho argumentado que, assim procedendo, eles podem ser vistos como se enfocassem no que é essencial na língua para torná-la mais eficiente para os seus objetivos, bem como projetando a identidade de sua INN²² (SEIDLHOFER, 2011, p. 156)²³.

À luz do que apresentamos até aqui, faz-se necessária uma discussão que auxilie no processo de compreensão do fenômeno do ILF por falantes brasileiros. Tal compreensão, parece-nos, advém da admissão de três características interdependentes e intrínsecas ao inglês produzido no Brasil e que definimos como: inserção, integração e resignificação. Como inserção entendemos o processo de ingresso do inglês na língua-cultura brasileira através da globalização, ou “McDonaldização” como nos indica a oportuna expressão de Ritzer (1993 *apud* KUMARAVADIVELU, 2008). Em relação à integração é inevitável a associação imediata a uma espécie de domesticação da língua, ou seja, às adaptações na língua que culminam com o que aqui classificamos como *brasilianismo*. Tal expressão estabelece um profícuo diálogo com a terceira característica acima mencionada: a resignificação.

Complementarmente ao processo de integração, a resignificação

21 Termo relacionado às realizações potenciais na língua. (WIDDOWSON, 1997 *apud* SEIDLHOFER, 2011).

22 Inglesidade não nativa.

23 The strategy of ELF users is to exploit the resources inherent in the virtual language by focusing on features of maximal functional value and discarding those that are surplus to their communicative requirement. I have argued that in so doing, they can be seen as focusing on what is essential in the language to make it more efficient for their purposes, as well as projecting their non-ENL identities.

incumbe-se da transubstanciação de significados, assimilando aquilo de que se serviu, transformando-o e dando-lhe nova substância. O referido processo não se dá sem uma espécie de institucionalização da mudança, isto é, sem a tácita aceitação de algumas realizações na língua inglesa que se dão nos mais diversos níveis, variando da pronúncia ao léxico.

Com relação à questão da pronúncia, importante traço distintivo dos falantes brasileiros de inglês, Freitas; Neiva (2006) pontuam:

[...] o falante não nativo, ao deparar-se com estruturas silábicas estranhas à esta língua, tende a se valer de estratégias de adaptação, tomando por base o que é permitido ocorrer nos componentes da sílaba de sua língua materna. Tal fato acaba contribuindo, sobremaneira, para a formação de seu sotaque estrangeiro. (FREITAS; NEIVA, 2006, p. 8)

Tal consideração, acreditamos, acena para a institucionalização do sotaque cultural²⁴ do falante brasileiro, haja vista o contexto de aprendizagem e o inextricável componente identitário de sua língua-cultura materna. Nesse sentido, apesar de sabermos que não há uniformidade nos usos operados na língua-cultura materna²⁵, há nas enunciações realizadas pelos falantes brasileiros de língua inglesa, a flagrante manifestação de traços comuns a exemplo dos usos lexicais²⁶, ou mesmo da pronúncia²⁷ da língua estrangeira, e são justamente esses traços partilhados que vislumbramos no processo enunciativo desse falante.

Além desse aspecto, é possível associarmos expressões de endereçamento a exemplo do substantivo *teacher*, o qual não é utilizado para este fim em contextos de anglofalantes, mas que encontra entre os falantes brasileiros uma ressignificação. A esse respeito tomamos como referência algumas realizações como: “*Hello, teacher Autor*”,

24 Expressão tomada de Viana (2003) e que estabelece um diálogo com os traços culturais relacionados ao estar entre línguas, não limitando-se apenas à questão da pronúncia.

25 Embora a profusão de variantes regionais no português brasileiro seja ponto pacífico para os estudos linguísticos, estamos cientes de que os aspectos universais que garantem a unidade e inteligibilidade desse português concorrem, também, para a eclosão dos traços linguístico-culturais comuns revelados nas enunciações do falante de inglês.

26 Vide excertos anteriormente descritos

27 Como aspectos de pronúncia partilhados pelo falante brasileiro de inglês, podemos mencionar a substituição vocálica e a vocalização de consoantes, a exemplo de palavras como *task*, pronunciada /tæsk/ no inglês padrão e transmutada em /tɛski/ na variante brasileira do inglês. Há, na seara da pronúncia, uma multiplicidade de exemplos que atestam a irrupção de características comuns do falante brasileiro de inglês, além dos que aqui apresentamos.

ou “*Teacher Autor, I have a question*”. Segundo a norma padrão do contexto de inglês como língua nativa (ILN), tais produções apenas estariam apropriadas se fossem realizadas a partir do uso de pronomes de tratamento acompanhados do sobrenome, ou, alternativamente, pelo prenome apenas. No entanto, muito dificilmente verifica-se a “correção” desse tipo de realização no inglês de falantes brasileiros. Em nenhum dos cursos em que pudemos estudar, com professores incontestavelmente competentes no ensino da língua inglesa jamais houve qualquer advertência quanto ao uso “equivocado” do substantivo *teacher*²⁸, o qual era utilizado por todos os alunos, nos vários níveis de proficiência pelos quais passávamos, sem nenhuma ressalva ou reprimenda por parte dos “*teachers*”.

Diante disto questionamos: tal postura não refletiria a institucionalização da mudança a que fizemos referência? Muito provavelmente tal institucionalização esteja em consonância com o que encontramos na Análise do Discurso, para qual os sentidos são historicamente construídos, sendo impossível qualquer alvitre de estabelecê-los fora do contexto em que foram enunciados. Nesse sentido, reportar-se ao professor como *teacher*, ou *teacher Autor* é sintomático da historicidade em que foram construídos e contextualizados os sentidos em uma dada enunciação, ou, numa simples constatação, é esse “o jeito que a gente diz”.²⁹

Destarte, o que verificamos em outras instâncias de uso da língua, a exemplo do que vimos no início desta seção, parece situar-se na lógica do mudar-permanecendo, e é justamente essa perspectiva a que vemos alojada na utilização da língua inglesa por falantes brasileiros, configuração que nos faculta a analogia com a antropofagia oswaldiana e de seu movimento de reflexão calcado na devoração dos modelos exógenos de cultura e em sua consequente domesticação.

Assim, vemos na produção de uma inglesidade à brasileira, uma manifestação natural de resistência, ou, melhor seria dizer, de reelaboração. Isto posto, adotar um posicionamento essencialista de língua em relação à inglesidade produzida por falantes brasileiros seria equivalente à negação do dialogismo bakhtiniano, haja vista a irrefutável relação interlocutiva entre a língua-cultura de partida (o

28 Vocabulo que, aliás, observa-se com tanta frequência nas salas de aula de língua inglesa país afora, quanto à não-intervenções docentes quanto ao seu uso.

29 Expressão tomada de Tagnin (2005) e que intitula seu livro sobre expressões idiomáticas e convencionais.

Outro) e a língua-cultura de chegada (o Eu). É, pois, diante dessas considerações, que vemos o ILF produzido no Brasil como o nascedouro de uma variante de língua em devir, o *Brazilian English*.

Considerações finais

Até aqui buscamos o estabelecimento de uma análise do ILF partindo da metáfora antropofágica de Oswald Andrade (1928), à medida que se associa o rico construto modernista, com suas expressões e reflexões, ao manancial teórico da interculturalidade e do ILF. A analogia aqui tratada incumbiu-se de instituir uma visão hodierna e didatizada do *Brazilian English*, fenômeno em curso que ainda carece de uma compreensão mais aprofundada e pautada no reconhecimento do que acreditamos se tratem de inglesidades diaspóricas.

Desse modo, estabelecemos uma articulação com as noções de *sojourner* de Byram (1997) e de *go between* de Kramsch (2004), as quais auxiliaram na descrição do movimento empreendido pelo falante intercultural em seu processo de apropriação da língua inglesa. Assim, dialogando com o ideário modernista oswaldiano no que compete à questão literária, mas, sobretudo, pelo viés sociocultural que ele contempla, acreditamos ter discorrido acerca de alguns pontos importantes para um início de discussão e de uma reflexão em torno da constituição do inglês brasileiro a partir do ILF. Nesse sentido, acreditamos que, de modo análogo ao processo de nativização do inglês nos países situados no círculo externo³⁰, o ILF converte-se como a gênese de uma inglesidade nossa, uma forma de expressão que carrega em sua forja marcas indelévels do complexo semiótico representado pela língua-cultura brasileira.

Nas enunciações utilizadas como exemplos da produção desse inglês, pudemos observar de modo mais aprofundado o processo de movimentação do usuário brasileiro de inglês, rumo à comunicação na língua alvo, ou, como mencionamos ao longo do texto, como nômade linguístico. Nesse sentido, foi fundamental a apropriação da ideia de *linguaging* tratada por Phipps (2007) por descrever o usuário de línguas como sujeito pró-ativo na construção/reconstrução de significados.

Ao estabelecer a alternância como algo intrínseco ao falante

30 De modo semelhante ao fenômeno de nativização do inglês nos países anglo-colonizados, acreditamos que o ILF esteja em processo de materialização de uma variante brasileira da língua inglesa.

intercultural, House (2008) demarca a sua (o)posição no que concerne às assertivas essencialistas que dão conta dos falantes não nativos como arremedo *gauche* de uma segunda língua-cultura. Em face deste posicionamento, retomamos uma importante consideração em torno desses falantes: “[...] eles podem ser vistos como se enfocassem no que é essencial na língua para torná-la mais eficiente para os seus objetivos, bem como projetando a identidade de sua inglesidade não nativa” (SEIDHOFER, 2011, p.156).

Isto dito, objetivamos trazer para a cena alguns elementos contributivos para uma compreensão mais ampliada do fenômeno de localização³¹ do inglês e de sua vinculação ao ILF.

Assim, procuramos ao longo dessa discussão contribuir para a produção de uma visão positivada do falante brasileiro de inglês e da inevitável eclosão do *Brazilian English* como compósito linguístico-cultural enriquecido pela voz do outro, mas consubstanciado pela própria identidade e pela própria voz do falante brasileiro de língua inglesa.

Referências

AHEARN Laura M. Language and Agency. **Annual Review Of Anthropology**, n. 30, p. 109-137, 2001. Disponível em: <<http://arjournals.annualreviews.org>>. Acesso em 02 fev. 2013.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Pau-Brasil**. 1928. Disponível em: <<http://www.lumiarte.com/luardeoutono/oswald/manifpauabr.html>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

_____. Manifesto Antropófago. **Revista de Antropofagia**. ano 1, n. 1. 1928. Disponível em: <<http://www.tanto.com.br/manifestoantropofago.htm>>. Acesso em 15 fev. 2013.

BYRAM, Michael. **Teaching and assessing intercultural communicative competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

FREITAS, Myrian Azevedo de; NEIVA, Aurora M. S. Estruturação silábica e processos fonológicos no inglês e no português: empréstimos e aquisição. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2006. p. 1-27.

HOUSE, J. What is an ‘intercultural speaker’? In: ALCON SOLER, E.; SAFONT JORDÀ, M. P. (Orgs.) **Intercultural Language Use and Learning**. [s.l.]: Springer, 2008. p. 7-21.

31 Nos parece mais apropriado usar o termo localização ao invés de adotar o termo nativização.

KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

_____. **The language teacher as go between**. Utbildning; Demokrati, v. 13, n.3, 2004. p.37-60.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, LP da (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 129-147.

MENDES, E. **Abordagem comunicativa intercultural (ACIN):** uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas. Campinas, 2004. 440 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

SEIDLHOFER, Barbara. **Understanding English as a Lingua Franca**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

_____; BÖHRINGER Heike; HÜMBAUER, Cornelia. **Introducing English as a Lingua Franca (ELF):** Precursor and partner in intercultural communication. Vienna: Synergies Europe, n. 3, p. 25-36. 2008.

TAGNIN, Stella E.O. **O jeito que a gente diz:** expressões convencionais e idiomáticas. Inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

VIANA, Nelson. **Sotaque cultural:** uma proposta para compreensão de traços culturais (re)velados na interação em língua estrangeira. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2003.

Recebido em 07 de junho de 2013.

Aceito em 04 de novembro de 2013.